

GABRIELA SANTOS DE MATOS

PECADOS CAPITAIS ATRAVÉS DO ESPELHO

Jundiaí

2020

GABRIELA SANTOS DE MATOS

PECADOS CAPITAIS ATRAVÉS DO ESPELHO

E-book organizado por Gabriela Santos de Matos apresentado para a obtenção do Auxílio Emergencial sob a Lei Aldir Blanc nº14.017/2020, tal qual inscrita no decreto 10.464./2020 na terceira frente de lei cujo aspecto se resume em editais, prêmios, chamamentos públicos e serviços culturais.

Co-autores: Nauê Cunha e Pueblo Aguilar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	CAPÍTULO 1 – POEMAS POR GABRIELA SANTOS DE MATOS	7
	Gula	7
	Avareza.....	8
	Inveja.....	9
	Ira	10
	Soberba	11
	Luxúria.....	12
	Preguiça.....	13
3	CAPÍTULO 2 – POEMAS POR NAUÊ DA CUNHA.....	14
	Gula	14
	Ganância.....	15
	Inveja.....	16
	Ira	17
	Soberba	18
	Luxúria.....	19
	Preguiça.....	20
4	CAPÍTULO 3 – POEMAS POR PUEBLO AGUILAR	21
	Gula: Bardos	21
	Avareza: Reis	22
	Inveja: Camponesa	23
	Ira: Guerreiros	24
	Soberba: Rainha	25
	Luxúria: Príncipe.....	26
	Preguiça: Princesa	27
5	AUTORES	28
	Gabriela Santos de Matos	28
	Nauê Cunha	28
	Pueblo Aguilar	28

1 INTRODUÇÃO

Todos conhecem e praticam os pecados capitais, com ou sem consciência disso. Mas poucos personificam, incorporam ou aceitam suas falhas. Trazemos uma proposta de aceitação e questionamento, através da singularidade e criatividade, reunindo 21 poesias autorais. A presente obra é composta por poemas inéditos na qual os artistas e poetas Gabi Santos, Pueblo Juan e Nauê Meireles utilizam de suas experiências, questionamentos e inquietações para contestar os 7 pecados capitais, e assim, ressignificar através do livre pensar esse conceito que durante séculos foram, e ainda são, utilizados como ferramenta de controle social e religioso.

Para conduzir a reflexão e a criação dos textos, um espelho que é um objeto repleto de representações e simbolismos será utilizado como metáfora e ponto de partida para discutir - e confrontar - as condições humanas conhecidas como vícios e posteriormente conceituadas pelo cristianismo, e em seguida pelo catolicismo, como os “7 pecados capitais”. Espelho, do latim “speculum” significa representação, reflexo. Pode ser visto como símbolo do saber, do autoconhecimento, da verdade e da clareza. Nesse sentido, os artistas pretendem demonstrar através da poesia que para além de uma concepção religiosa, os 7 pecados são vícios naturais presentes no ser humano e indissociáveis da vida contemporânea baseada no modo capitalista.

O que é espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa. LISPECTOR (1998: 78).

2 CAPÍTULO 1 – POEMAS POR GABRIELA SANTOS DE MATOS

Gula

A indústria engole matéria prima, transforma em matéria toxina

O mercado engole matéria toxina, transforma em comida

O capital engole comida, taxa preços e valores que não respeitam o clima

O pobre compra comida, que não alimenta toda sua família

O rico come, come, come

Nunca está saciado

Depois de comer um bocado

Tira uma soneca, bebe um destilado

O pobre trabalha, trabalha, trabalha

Agrotóxicos, preços altos e fogo de palha

A comida falta com frequência e a que chega é de má qualidade

Matéria toxina faz remédios químicos serem necessidade

A imagem da fome contrasta com a imagem do oposto

Penso homem enorme, comendo feito porco

Lembro que homem pequeno também come animal à gosto

Noto que no fim, o mal da gula é egoísmo humano, socialmente exposto.

Avareza

Desde o início do chamado progresso
Desde que deram valores a papéis impressos
Desde que decidiram que uma árvore morta e estática vale mais
Que tronco erguido, mesmo que seja enfeitando seus canaviais

Ouve-se falar sobre a corrida para a lua.
Não há asfalto em todas as ruas
As chances são mais que desiguais
Pra quem procura sucesso e ergue colunas

Ainda assim, de onde eu vim
Quem tem mel, dá o mel
E quem nada tem, nada dá
Mas explora até tudo capturar.

Inveja

Olhou pra mim, viu o espelho e começou a discursar
Sobre tudo que eu faço de errado sempre, como nunca aprendo a andar
Por mais que eu saiba voar, meus caminhos nunca acompanham seu paladar
Minha felicidade lhe incomoda, é impossível pra ti, comigo lidar

Às vezes me pego pensando baixinho
Por que razão alguém tão próximo
Que deveria ser tão confiável, como casulo ou ninho
Faz questão de declarar guerra em cima de seus próprios desalinhos

Eu não sou nada além de um espectro em uma projeção
Sou atravessada, mas nunca atingida por seu golpe de canhão
Enquanto não entenderes que o que lhe incomoda sobre mim, vem de ti
Não há nada que eu possa mudar em mim pra fazer você sorrir.

Ira

Parir a ira

Como flama escaldante

Lava flamejante

Que sai por entre as beiras

É quando se perde as estribeiras

Quando se atira outrem da ribanceira

Quando é preferível a combustão

Que o acerto de contas, apagão.

Soberba

Seu silêncio era meu aquário, seu colo era meu maior farol
Como porto seguro, você me tinha e nunca precisou lançar um anzol
Eu vinha porque queria, porque sabia que precisávamos de nós
Você adorava a solidão, eu sempre tive medo de lidar comigo a sós

Eu sinto falta do seu amor que era intenso, mas ele sempre durava só por um momento
Eu te bebia por golinhos e depois eu me afogava a semana inteira com seu peso
A frequência era sempre imensa, eu nunca perdi o medo de você me deixar
E foi assim que eu fui embora, à deriva no seu orgulho de alto mar

Você até me ouviu ressoar para longe, mas não chegou a me chamar
Eu ouvi seu choro baixinho e suas súplicas por tanto tempo
Eu deixei você ficar imerso em meu olhar tão profundo, me permiti calar
E ainda assim você deixou que eu seguisse sem seu alento.

Luxúria

A mulher que se deseja
Melhor que qualquer amante
Consegue conhecer todos os seus enlaces
E sabe como pode ir adiante

A mulher que goza inteira,
Sozinha, sem fantasiar sobre ninguém além de si
Seria atirada à fogueira
Em tempos sombrios que vieram antes do aqui

O calor do feminino sempre foi considerado profano
A sedução que traz o viço é algo quase inumano
Para quem tem mente fraca é difícil compreender
Como pode, em segundos, tudo em ti estremecer.

Preguiça

Este é meu pecado favorito, insisto
Capaz de fazer eu me contentar com rabisco
Sensação de impotência que é importante
Relembra-nos que desacelerar impede infarto fulminante

Ela chega de mansinho, você dorme sozinho
Pela manhã acorda e ela está ao seu lado De repente você não está mais preocupado
Onde foram parar suas ocupações nesse ninho?

Saiba lidar e com ela aproveitar
Uma dama manhosa que insiste em ficar
O ideal é com ela se divertir e entender o seu espaço
Para que no dia seguinte não se repita o ciclo e você não se sinta um fracasso.

3 CAPÍTULO 2 – POEMAS POR NAUÊ DA CUNHA

Gula

Me chamam de guloso,
Ai! que jeito de viver mais gostoso.
Hora do almoço quero logo feijoadá,
Quatro pratos de obra prima saturada.

Dizem que a gula faz mal, é pecado e coisa e tal,
Mas pecado mesmo é não repetir o bacalhau.
De sobremesa torta de framboesa,
Que riqueza, comer tudo que tem na mesa!

Se não repetir um de cada não tem graça
Olha quanto sabor carregam as massas.
Tem macarrão, pastel, esfirra, pizza e lasanha...
HmMMM, tudo cheio de manhã!

Manjar bem é tão bom
O dia fica que nem bombom. Eu diria mesmo que a gula é nossa amiga,
Ela traz qualidade de vida.

Ganância

Me chamam de ganancioso
Que tenho a febre do ouro,
Que gosto muito de dinheiro,
Mas é claro eu não sou tolo.

Dizem que a ganância é pecado
Mas *taí* o retrato falado
Não creio que haja algo de errado
Só quero meu conforto

Aqui, ali e no mundo todo.
E por que me contentar com pouco?
Só um pedacinho?

Eu quero mesmo é bolo todo. Esse papo que falam deve ser coisa de invejoso
Por que eu não me vejo ganancioso.

Inveja

Inveja é sentimento amargo,
O Inevitável querer o que não se tem.
Mas não é tão árduo como dizem ser,
É apenas sincera vontade de ter.

Ver aquele que o outro tem Melhor e mais feliz que o meu,
Pois bem.

Faz se morder as entranhas, mas isso não é manha.
É vontade de ter o melhor.

Que culpa tenho eu ter bom gosto?
E ver no rosto alheio
O que creio ter mais direito.
Deve ser culpa do divino tal injustiça,

Eu ter que passar por tal tiriça.
Só creio que a roupa, o carro, a viagem e a vida
De todos os ordinários combinam muito mais comigo, querida!
E desejo que eles se acabem, pois não gosto dessa injustiça.

Ira

Dizem que a ira deve ser controlada,
Que não vale de nada.
Que dela só se tira mágoa.
Mas ruim mesmo é deixar formar lagoa de raiva,

Deixarem te ferirem com uma saraiva.
Pelo menos a ira me protege
De tudo que me ataca,
Me empaca e maltrata

Não digo que gosto de despertar a fera,
Mas é ela que se impõe ao meu favor
Que transforma a dor em calor.
Esse acúmulo de sentimentos, uma quimera

Que em todas as eras, com sua força
Derruba tudo que está no caminho.
Destrói o adversário como grão no moinho
É nela que me fortaleço
Como um bebê em um berço.

Soberba

Dizem-me arrogante
Eles que são ignorantes!
Não tenho culpa de ser melhor,
Eu acredito que isso que dizem
É por pura inveja de eu ser maior.

O que tenho não é vaidade
É amor próprio,
Porque propriamente dito sou muito mais capaz
E vivo em paz.

Vêm com este papo de que me falta humildade
Mas nós sabemos que na verdade não me falta nada!
E fica essa oposição aos meus pés chorando migalha.
Um bando de canalhas que para mim não passam de tralha.

Não vão me atingir, pois bem sei o que sou...
Inteligente, bonito, forte e independente!
Não preciso desta gente!
E assim sigo dominando o mundo,
E vocês ai malemá terão um túmulo.

Luxúria

Luxo eu gosto

Antes luxo do que lixo

Gosto de me enfeitar com pedras preciosas

E me saborear com pessoas deliciosas

Gosto de estar em minha posição de nascença

Sou realeza por essência

E sim vou conquistar tudo

A qualquer custo

Não me venha com falsa moralidade

Pois para mim isso não é qualidade

Se eu desejo alguém eu a terei

Se eu quero algum bem

Conseguirei

E não tem nada de errado em se possuir o que quer

Errado mesmo é passar vontade

E não me cobre caridade.

Preguiça

A preguiça vem e me abraça
Ai que desgraça, não quero fazer nada.
Mas o nada é gostoso,
Eu sei que atrapalha, mas...

Vou fumar mais uma palha e ficar a fazer nada.
Dizem que a preguiça acaba com a gente,
Falta produtividade, constância e frequência,
Mas ficar deitado é tão bom.

Me dá até vontade de praia.
Com ela, mesmo que o mundo caia
A gente não se importa,
Nem que batam na porta.

A vontade do ócio
O aconchego da cama
Um grande gostinho de manhã.

Ai, ai! Preguiça grudenta como odor de carniça.
E eu um urubu: Festejando em seu perfume
Nu e cru.

4 CAPÍTULO 3 – POEMAS POR PUEBLO AGUILAR

Gula: Bardos

Voltem pros seus restaurantes no Retiro
Olho lá pra dentro
Ninguém se parece comigo
Aos olhos deles mendigo
Quem tá na luta pra se manter
São tantos cardápios e preços
Que meros mortais nunca puderam comer
Mesmo trabalhando pelo banquete de rei
Pra isso estamos dispostos a matar ou morrer
Dizem ilusão apenas ter: "É tempo perdido"
Quem sempre detém poder
Tem nem noção pra falar disso
Quero pratos e copos de vinho
Quero saciar tudo que desde pequeno
Carrego por instinto
Somos sonhadores, não ladrões, nem bandidos
Quero entrar nos lugares e ser bem recebido Não somos bem vindos!
Pela nossa cor ou classe social
Mesmo que a cor do dinheiro seja normal
E para aqueles que sempre nos olham torto
Se acostumem a ver, olhem de novo
Sempre de prato cheio, bardos no topo!

Avareza: Reis

Eu tento esquecer
Mas faz parte de mim
A coroa sobre a minha cabeça
Vendo meu castelo se construir Lá embaixo os que morreram pra eu estar aqui
Sussurrando, perguntando: Quando será meu fim?
Mas eu sigo em frente
Nadando contra a corrente
Quanto mais_o dinheiro, às vezes
Me surpreende
Na forma de olhar, de tratar da atendente
Tudo de ouro aos meus pés
Embrulhado pra presente
O mundo no pingente
Mas eu quero sempre mais
Mesmo que o preço pago seja pisar nos meus iguais
Os meus rivais já nem pisam mais por aqui
Estão a 7 palmos do chão
Ou a 7 mil passos de Jundiá
Os meus iguais já nem pisam mais por aqui
Todas as riquezas do mundo no bolso É o que me dá forças pra sorrir.

Inveja: Camponesa

Daqui de baixo vejo o céu e suas torres
Será que é isso que mereço desde o início?
Olho para o alto a realeza
E seus valores, riquezas, preços
Que compram os melhores vestidos
Que compram amigos
E coisas que nunca tive
Nascer plebeu é cortar as asas
É pra sempre ter limites
Quero festas, copos e drinks
Tudo que essa vida pode oferecer
E se não for bom, alguém que certifique
Pra que seja assim
Nunca mais pisar na lama
Ser tratada como a dama que mora dentro de mim.

Ira: Guerreiros

Troféus pra mim
São cabeças dos inimigos
De alguns que ficaram em cima do muro
Outros se fantasiaram de falsos amigos
Sigo no caminho na busca de me vingar
Pelo que roubaram de nós
E alguém vai ter que pagar
Com terra, ouro, sangue
Qual é o preço da felicidade?
Porque o mundo nos força a agir com ódio
Esquecendo-se da igualdade
Na maldade, construímos nosso reinado
Engenhos são essas ruas
Senhores, engravatados
Trabalho... Trabalho... Trabalho
Ilusão de apenas ter
Eu luto pela nossa liberdade perpétua
Pelo nosso direito de viver

Soberba: Rainha

Tenho orgulho de como chegamos aqui
De tudo que conquistamos
De tudo que consegui
Até chegar ao posto de realeza
Não demonstramos fraqueza
Muito menos sentimento
O que nos resta é frieza
Passamos por cima de tudo
Tudo é o que merecemos
Em meio à guerra de tronos
Continuamos fortes
 Fizemos aliados
Amigos em troca de cofres
De ouro, de prata, correntes
O próximo passo é cheque
Mate ou morte de mentes
Estamos sempre a frente
Talvez por ser genial Talvez por não sair do formal
Não aceito menos que o fora do normal.

Luxúria: Príncipe

Aos observadores das relações humanas
O que me leva a dizer não
Não sei mais o que é acordar
Sem ter alguém me esperando na cama
Colecionamos etnias
Negras, ruivas, latinas
Quatro, cinco, seis por dia
Temos tudo o que queremos
Fazer o quê? Se essa é a nossa vida Lá em baixo nosso reino...
Veja só o que construímos
Passamos mais uma noite
Outra taça, outros copos, novos vinhos
Carrego comigo, outro estilo
De vida, repetimos
Acordo amanhã, é claro que concluímos
Outro harém, outro banquete
Talvez outra vida
Acordamos amanhã, repetimos
É claro essa é nossa vida
A única certeza pra gente
É que acordamos depois que a lua nascia.

Preguiça: Princesa

Empregado: Bom dia vossa realeza! O que podemos servir?

A senhora não precisa sair da cama

Trazemos o mundo aos seus pés

Mas um dia aqui

Sem precisar fazer

Pra ver o plano se concluir

É claro, eu consegui

É nosso direito de sonhar

Sem nem precisar dormir

Mas dormi, porque sim

É, vivemos no mundo do tanto faz

Pra mim tá bem de boa A herança já garante a vida toda

Então... Eu quero que o mundo se exploda.

5 AUTORES

Gabriela Santos de Matos

Gabriela Santos de Matos tem 20 anos, estuda Gestão de Eventos na FATEC e faz parte da organização do Slam Do Zé em Jundiaí e do Molotov Cultural na zona Oeste. Cresceu na Zona Leste de São Paulo e está em Jundiaí desde 2018. Para Gabriela, a poesia marginal é um cuspe emocional e, por isso, vive escrevendo, declamando e se aventurando na criação de fanzines, que são publicações independentes no estilo "faça você mesmo". Relaciona-se também com dança e teatro e segue em busca do consumo de todo tipo de cultura, pois acredita que é essencial na formação humana.

Nauê Cunha

Nauê tem 23 anos, estuda Gestão de Eventos na FATEC e tem experiência com audiovisual. Nascido na cidade de Jundiaí, sempre foi um amante das belezas naturais, considerando sua vida o maior espetáculo artístico existente para si, sendo um apaixonado por viagem e sentir a estrada. Sempre trazendo inspirações de suas vivências para sua arte, ele auto intitula-se um poeta do amor, pois crê que a vida já tem muita dor por si só. Além das poesias é um apaixonado por música e artes de rua, se aventurando profundamente como artesão de diversos estilos. Também admira e se arrisca nas artes cênicas.

Pueblo Aguilar

Pueblo tem 21 anos é nascido e criado no bairro do Novo Horizonte em Jundiaí. É compositor, cantor, diretor e roteirista. Participou de projetos com o Carlos Zaik relacionados a cinema e literatura. Escreve sobre problemas de quem vive em áreas periféricas e sobre as dificuldades do dia a dia, aliando a poesia com outras formas de expressão artística como a fotografia, o cinema e o grafitti.